

INVICTUS: CONQUISTANDO O INIMIGO?

Ms. Johanna Coelho Von Mühlen¹

Christiane Macedo²

Marco Antonio Ávila de Carvalho³

Dra. Silvana Vilodre Goellner⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

johanna.coelho@hotmail.com

chrisgmacedo@gmail.com

marco.esef@gmail.com

goellner@terra.com.br

Recebido em 11 de outubro de 2010

Aprovado em 3 de novembro de 2010

Resumo

Esta resenha analisa o filme *Invictus* (2009), dirigido por Clint Eastwood, tendo como ponto de partida a representação do esporte como responsável pela união nacional de um país separado pela segregação racial.

Palavras-chave: rugby; segregação racial; esporte.

Abstract

Invictus: conquering the enemy?

This review analyses the film *Invictus* (2009) directed by Clint Eastwood, having as a starting point the representation of sports as the main responsible for the national union in a country separated by the apartheid.

Keywords: rugby; apartheid; sports.

¹ Doutoranda do PPGCMH, membro do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte.

² Mestranda do PPGCMH, membro do GRECCO e do Centro de Memória do Esporte.

³ Graduando do curso de Educação Física da UFRGS, membro do GRECCO e do Centro de Memória do Esporte.

⁴ Doutora em Educação Física pela UNICAMP, professora do Departamento de Educação Física da UFRGS, coordenadora do Centro de Memória do Esporte e pesquisadora produtividade em pesquisa do CNPq.

O seu povo precisava de um líder. Ele lhes deu um campeão.⁵

Assim a distribuidora Warner Bros. Pictures anuncia o filme *Invictus* em seu cartaz comercial de divulgação. Inspirado no livro *Playing the Enemy*, publicado em 2008 pelo jornalista John Carlin⁶, o filme dirigido por Clint Eastwood, narra a história da equipe sul-africana de *rugby* e sua chegada à final da Copa do Mundo no ano 1995. Ambientado na África do Sul, na época em que Mandela é libertado da prisão, o filme é marcado por vários paradoxos. Já em sua primeira cena, convida o espectador a assistir garotos brancos jogando *rugby* em um campo esportivo limpo, bem estruturado e cuidado; do outro lado da rua, vemos garotos negros jogando futebol em um terreno precário e sujo. Entre esses dois espaços segregados, passa a comitiva que acompanha Mandela, recém libertado da prisão - figura representada como o principal promotor do fim da segregação racial.

Marcado por essa divisão, nas mais de duas horas de duração do filme, o roteiro e as imagens privilegiadas lembram, repetidamente, os distintos lugares destinados a negros ou brancos. Em algumas cenas esta polaridade aparece através da utilização de alguns artifícios usados para enriquecer esse processo de subjetivação. Um exemplo dessa afirmação pode ser observado na cena que exhibe a entrada do recém presidente eleito, Mandela, no gabinete presidencial, cuja expressão e fala dirigem-se a atenção do espectador para o seu mobiliário que é todo pintado de branco. Ou seja, a cena mergulha

⁵ Slogan da campanha de publicidade do filme, disponibilizado no site oficial. Disponível em <<http://www.pt.warnerbros.com/invictus>>. Acesso em 1 out. 2010.

⁶ Jornalista britânico, chefe da sucursal do Jornal londrino *Independent* no período em que viveu na África do Sul (1989 a 1995).

no tom conferido ao filme desde seu início, qual seja, a oposição branco/preto e a denúncia ao *apartheid*⁷.

Ao mesmo tempo que demarca essa distinção, o filme, paradoxalmente, investe na criação de situações nas quais indica que, gradativamente, vai amenizando a resistência recíproca de convivência entre brancos e negros, evidenciada, sobretudo, na narrativa que constrói sobre a guarda pessoal do Presidente, composta por agentes do governo anterior (brancos) e também por homens de confiança de Mandela (negros). No decorrer do filme essa equipe protagoniza cenas de violência simbólica pautadas no racismo até comemorações amistosas e românticas em função da vitória da equipe esportiva. Evidentemente que, aos olhos de Clint Eastwood, essa alteração de atitude é mediada por *Madiba*⁸ cujas ações, da primeira a última cena, buscam romper com tal distinção. Mediada, também, pelo esporte, narrado no filme como uma prática cultural plena de virtuosidades.

Torna-se relevante no contexto fílmico a cena na qual um dos estádios das competições aparece pela primeira vez: nela o espectador vê jogadores, árbitros e público, todos brancos. O único negro que figura ali é representado por um jogador do time local. A competição que é narrada se dá entre a África do Sul (representada pelo *Springbocks*) e a Inglaterra, fato que não deve passar despercebido, uma vez que a África do Sul foi colonizada por ingleses e, paradoxalmente, é considerada como a nação na qual o *rugby* se originou na primeira metade do século XIX. De posse dessa

⁷ Apartheid: adotada legalmente em 1948 na África do Sul para designar um regime no qual os brancos detinham o poder e os povos restantes eram obrigados a viver separados dos brancos, de acordo com regras que os impediam de ser verdadeiros cidadãos. Este regime foi abolido por Frederik de Klerk em 1990 e, finalmente, em 1994 eleições livres foram realizadas. O primeiro registro do uso desta palavra encontra-se num discurso de Jan Smuts em 1917. Este político tornou-se primeiro-ministro da África do Sul em 1919. Tornou-se de uso quase comum em muitas outras línguas. As traduções mais adequadas para português são segregação racial ou política de segregação racial.

⁸ Madiba Mandela: maneira que Nelson Mandela era usualmente chamado.

informação, não causa espanto a seqüência da cena onde é possível identificar um pequeno número de torcedores negros comemorando com entusiasmo as jogada na qual o time da Inglaterra marca pontos e abre o placar do jogo. Mandela, que está assistindo a essa partida, percebe que os brancos sul-africanos torcem para o time local e negros sul-africanos torcem para a Inglaterra. Aqui inverte-se o princípio do nacionalismo tão comum ao esporte moderno constituindo-se, inclusive, como um de seus fundamentos (BRACHT, 1997).

A identificação com o time do país colonizador é igualmente visibilizada em uma cena que se desenvolve na periferia de Joanesburgo na qual duas mulheres, uma negra e uma branca, fazem distribuição de roupas para doação e um menino negro se nega a aceitar uma camiseta dos *Springbocks*. A negra explica que ele apanharia dos seus amigos e de outros negros se a aceitasse. A mulher branca pergunta: “Apanharia porque eles estão jogando mal?” Ao que a outra responde: “Não, porque para eles o nosso time ainda representa o *apartheid*”. Da fala dessas personagens emerge a percepção de que o time *Springbocks* traz em suas cores, emblema e nome, as lembranças da época anterior ao governo de *Madiba*, um passado a ser esquecido e apagado da memória. Indica, por outro lado, que mesmo com a mudança de leis no país, a segregação, na prática, continuava: o país continuava racista e dividido.

Mais do que qualquer outro traço identitário, em *Invictus*, as diferenças são evidenciadas quase que, exclusivamente, a partir da cor da pele. Gênero, classe social, geração, orientação sexual, religião e outros marcadores sociais sequer são mencionados, pois o que se pretende “dar a ver” é que a raça se constitui como a definidora das diferenças e das hierarquias entre sujeitos que vivem sob o mesmo território geográfico.

Uma cena que ilustra essa afirmação aparece, aproximadamente, na metade do filme, quando Mandela busca identificar o nome de cada atleta do *Springbocks* cujas fotografias aparecem publicadas em um jornal e, ao visualizar o único atleta negro, diz: “Infelizmente Chester é muito fácil de identificar. Mas isso vai mudar”. Reafirma-se, aqui, o grande compromisso e esperança do político: construir a identidade do país e não da cor. Para tanto, outro desafio se impunha: fazer um time desarticulado, sem motivação, desacreditado e com péssimo desempenho nas partidas, ser o campeão da Copa do Mundo de *Rugby*. Comparação esta reforçada pelo próprio Mandela ao relacionar seu papel de governante do país com o papel de François Pienaar, o capitão do time, expresso durante a conversa que teve com o jogador em seu gabinete tentando sensibilizá-lo para a importância de conquistar tal título.

Uma vez sensibilizado, o capitão do *Springbocks* se empenha não só em melhorar a confiança e desempenho dos jogadores mas, ainda, em sensibilizar a comunidade sul-africana através de exibições públicas do time para a necessidade de acreditar nos novos tempos do time de *rugby* e do país.

Paralelamente às demonstrações esportivas o filme exhibe a agenda política do Presidente: reuniões, viagens internacionais, acordos comerciais, dificuldades no governo, planejamento, discursos, aparições públicas. Em dado momento há menção ao adoecimento de Mandela que cancela sua agenda mantendo, apenas, as atividades relacionadas ao *rugby* e a Copa do Mundo.

Gradativamente o filme vai exibindo as vitórias dos dois líderes, cada qual em seu campo de ação tendo no esporte um mediador e agregador de boas vontades. *Invictus*, desse modo, aponta para os atravessamentos entre esporte e política, já explicitados no próprio cartaz de divulgação do filme.



Figura 01: Cartaz de divulgação do filme Invictus.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/invictus/imagens/1261695926_invictus/#imagens>.
Acesso em 10 de out. 2010.

Nele, o capitão François está a frente de Nelson Mandela, que aparece de costas, mas proporcionalmente em tamanho maior que o do jogador. Na ambiência da imagem exibe-se a figura de um grande líder político, protagonista de uma grande missão que, para lograr êxito, conta com intervenção e colaboração de um grande líder esportista.

Fato que merece destaque é a cena na qual o time, em visita a periferia de Soweto, ao encerrar uma atividade esportiva com as crianças, deixa uma faixa que diz: *One team, one country* (Um time, um país). Ou seja, não seriam mais os brancos e os negros, mas sim os sul-africanos. Ao ver as cenas dessa intervenção do time com as crianças passar na televisão, Mandela diz: “Veja isso! Essa imagem vale mais do que qualquer discurso”. E assim, acreditando que poderia unir o seu povo através da linguagem universal do esporte, Mandela apoiou a equipe de *rugby*, ao mesmo tempo que nela buscou apoio, mesmo que uma improvável caminhada bem sucedida poderia se desenvolver até a final do Campeonato do Mundo de 1995. Tal investimento norteia o filme e, também, o livro que lhe inspirou quando, já nas suas primeiras páginas, o autor menciona a seguinte fala de Mandela : “o esporte tem o poder de mudar o mundo. Tem

o poder de inspirar, o poder de unir pessoas que têm pouco em comum... é mais poderoso que os governos para derrubar barreiras nacionais” (CARLIN, 2009, p. 12).

Não é sem razão que realizar a Copa do Mundo de Rugby na própria África do Sul bem como vencê-la torna-se uma razão de Estado com forte intencionalidade política e midiática. Nesse sentido, há uma grande investida para que o jogo final fosse assistido por um bilhão de pessoas, criando-se um fato político para além de esportivo, através do qual Nelson Mandela poderia transmitir sua mensagem a enorme contingente de pessoas.

Enfim, *Invictus* é um filme previsível que apresenta um final apoteótico e positivado ao projetar como heróicas e edificantes a negritude conciliadora de Nelson Mandela e a branquidade solidária de François Pienaar. Seu forte apelo social revela um líder negro que busca a ascensão política por meio de uma campanha de união entre negros e brancos e um líder branco que reconstrói e organiza uma equipe esportiva até então desacreditada. De seus efeitos heróicos, emerge a vitória tanto do time, como da Nação. E, enfim “a África do Sul finalmente era um só país” (CARLIN, 2009, p. 261).

Para além da visão romantizada que coloca nas zonas de sombra a desigualdade racial ainda vivida na África do Sul, em *Invictus* (mais do que no livro que o inspira) o esporte rouba a cena: é o agente propulsor das mudanças sociais, da diminuição da violência, do fim a segregação e da promoção da paz. Ideal que só faz sentido na narrativa fílmica pois, para além da tela, o universo esportivo é pleno de cenas nada edificantes ou, mesmo, heróicas.

No entanto, não é por merecer críticas que o filme não deve ser visto. Ao contrário, assisti-lo é uma grande oportunidade para problematizar algumas questões que são relevantes ao entendimento do papel atribuído ao esporte como um agente

agregador de sujeitos diferentes que, por um pertencimento esportivo, superam desigualdades e constroem relações mais solidárias e humanas.

Afinal, nos dias atuais, na África do Sul o preconceito racial ainda está presente em seu dia a dia Além disso, mais de dez anos da realização da Copa do Mundo de Rugby, houve uma competição oficial de grande porte de *rugby* oficial em Soweto⁹. Ainda assim, não podemos negar que, pelo menos no imaginário social, o esporte, participou aproximou os sentimentos da população sul-africana, ainda que em um tempo e em um contexto político datado. Ver o filme é rememorar, mesmo que pelos olhos de um diretor americano, uma versão da história do esporte em um país atormentado pela segregação racial.

Referências

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Vitória: UFES, 1997.

CARLIN, John. *Conquistando o inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2009.

⁹ Informação disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/2010/05/jogo-historico-de-rugbi-une-brancos-e-negros-em-soweto.html>>. Acesso em: 11 de out. 2010.